



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

THAYS DOMINGOS FERREIRA

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: CONSEQUÊNCIA DE UMA CULTURA
MACHISTA**

**CAMPINA GRANDE
2023**

THAYS DOMINGOS FERREIRA

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: CONSEQUÊNCIA DE UMA CULTURA
MACHISTA**

Trabalho de conclusão de curso (TCC), Monografia apresentado ao curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito à obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Orientador: Profº Drº Agnaldo Barbosa dos Santos

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F383v Ferreira, Thays Domingos.
Violência contra a mulher [manuscrito] : consequência de uma cultura machista / Thays Domingos Ferreira. - 2023.
45 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Agnaldo Barbosa dos Santos, Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC. "

1. Violência contra a mulher. 2. Violência de gênero. 3. Políticas públicas. I. Título

21. ed. CDD 362.83

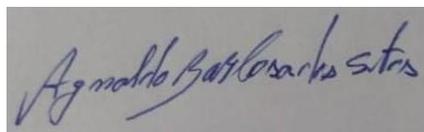
THAYS DOMINGOS FERREIRA

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: CONSEQUÊNCIA DE UMA CULTURA MACHISTA

Trabalho de conclusão de curso (TCC), Monografia apresentado ao curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito à obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Aprovada em: 28 de junho de 2023

BANCA EXAMINADORA



Prof. Drº. Agnaldo Barbosa dos Santos – (DG) - Orientador Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Hélio, de Oliveira Nascimento – (DG) - Examinador Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª. Ms. Bruna Maria de Sousa Santos - Examinadora Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Dedico este trabalho a todas as mulheres que já passaram ou passam por algum tipo de violência. Quando uma mulher é agredida, todas nós sentimos um pouco de sua dor. Todas nós sabemos o quanto é cheia de espinhos a caminhada da mulher em uma sociedade onde predomina o machismo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Deus por cuidar de mim em cada detalhe e por me permitir realizar o sonho de concluir um curso superior. Nele encontrei forças para seguir caminhando firme durante o curso. Quando parecia impossível, Ele me confortou e assegurou que estava ao meu lado. Firmou meus pés em uma rocha e colocou em meus lábios uma canção de louvor.

Também quero agradecer ao meu marido, companheiro e melhor amigo Silas Gomes da Silva, que na época do nosso início de namoro acreditou em mim quando ninguém mais acreditava e me deu todo suporte para ingressar na universidade. Agradeço também por lutar comigo nas minhas batalhas e por ser esse porto seguro onde encontro amor, apoio e afeto. Agradeço ao meu professor Dr. Agnaldo Barbosa dos Santos por todo suporte e pela dedicação com o meu trabalho sempre de forma humana e inclusiva.

Quero agradecer ao curso de Geografia por tantas experiências que contribuíram não apenas para minha formação acadêmica, mas também como pessoa. Meus sinceros agradecimentos ao Núcleo de Acessibilidade da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB por todo apoio que recebi durante o curso.

"Somente por meio da educação poderemos ter, a longo prazo, uma sociedade menos machista e mais igualitária. Muito ainda deve ser feito. E uma mudança cultural precisa de mais tempo para acontecer".

Maria da Penha

RESUMO

A violência contra a mulher no Brasil e no mundo é um problema sério, e também uma realidade presente no dia-a-dia, nas diversas esferas da vida. O machismo é inerente a diversas perspectivas numa sociedade, como no trabalho, em casa, na economia, na política, na mídia, nas artes, entre outros. O trabalho tem como objetivo de estudo discutir a violência contra a mulher em decorrência da cultura machista, fundamentados na influência sobre as esferas das políticas públicas no município de Queimadas-PB. A pesquisa realizada é de caráter exploratório e qualitativo (GIL, 1994). Pode-se dizer que estas pesquisas têm o aprimoramento de ideias, cuja amostra denuncia a cultura machista e a violência contra a mulher de modo geral. Para a obtenção de dados, foram usados questionários com entrevistas, além de uma explanação em livros e artigos disponíveis na internet sobre os aspectos teóricos-metodológicos no que diz respeito à temática da pesquisa realizada, a partir de uma reflexão dos objetivos específicos de um estudo sobre a questão da violência contra a mulher; os tipos de violência contra a mulher; os fatores que colaboraram para o aumento de feminicídio, a exemplo do caso do município de Queimadas-PB; as políticas públicas de combate à violência contra a mulher e os materiais empíricos compostos por conteúdos históricos relacionados à área de violência contra a mulher.

Palavras-chave: violência contra a mulher; violência de gênero; políticas públicas.

ABSTRACT

The violence against women in Brazil and in the world is a serious problem, it is also a reality present in everyday life, in the different spheres of life. The male chauvinist is inherent to different perspectives in society, such as: at work, at home, in the economy, in politics, in the media, in the arts, among others. The work has as object of study, to discuss violence against women as a result of the macho culture, with fundamentals diginostified in the biases of influence on the spheres of public policies in the municipality of Queimadas-PB. The research carried out, of an exploratory and qualitative character (GIL, 1994), it can be said that these researches have the improvement of ideas, whose sample denounces the male chauvinist culture and violence against women in general. In the scope of violence, to obtain data, questionnaires with interviews were used, in addition, books and articles available on the internet on theoretical-methodological aspects were included, with regard to the theme of the research carried out, based on a reflection of the specific objectives of a study on: The issue of violence against women; Types of violence against women; Analyze the factors that contributed to the increase in femicide, as in the case of the municipality of Queimadas-PB; Discuss public policies to combat violence against women and investigate empirical materials composed of historical content related to the area of violence against women.

Keywords: violence against women; gender violence; public policy.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figuras 01-02: Violência de gênero como resultado da cultura machista.	19
Figuras 03-04: Homens agressivos batendo em mulheres.	19
Figuras 05-06: Notícias e condenação do criminoso da barbárie de Queimadas/PB.	20
Figura 07: Mapa de localização do município de Queimadas-PB.	22
Figuras 08-09: Antigos bens socioculturais da cidade de Queimadas-PB.	23
Figura 12: Centro da cidade de Queimadas-PB.	26
Figuras 13-14: Violência física e psicológica contra a mulher.	33
Figuras 15-16: Abuso e agressão contra a mulher.	33

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Faixa etária das entrevistadas.	41
Gráfico 2: Escolaridade das entrevistadas.	42
Gráfico 3: Profissão das entrevistadas	43
Gráfico 4: Principais causas de agressão contra as mulheres.	44

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	PERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: DELINEAMENTO DA PESQUISA	13
2.1	A ótica de uma cultura machista na concepção ampliada da violência contra mulher	14
2.2	A violência contra a mulher no Brasil	15
2.3	A barbárie contra a mulher na cidade de Queimadas-PB	16
3	CARACTERES GEOGRÁFICO-HISTÓRICOS DO MUNICÍPIO DE QUEIMADAS-PB	20
3.1	A formação historiográfica do município de Queimadas-PB	21
3.2	Produção geográfica da estrutura urbanística da cidade de Queimadas-PB	22
4	A CULTURA MACHISTA E A FORÇA DO PATRIARCADO NA SOCIEDADE BRASILEIRA	25
4.1	Como o machismo limita a mulher ao espaço doméstico	26
4.2	Violência doméstica: o perigo dentro de casa	27
4.3	O machismo: Violência contra a mulher um alerta para toda a sociedade	28
4.4	Os cinco tipos de violência	29
4.5	Lei Maria da Penha: Um grande passo na luta contra a violência doméstica	31
5	A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: CONSEQUÊNCIA DE UMA CULTURA MACHISTA	33
5.1	Fala e argumentação das entrevistadas na percepção da violência contra mulher	33
5.2	Analogia e índices das entrevistadas, conforme gráficos	38
6	CONCLUSÃO	43
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

1 INTRODUÇÃO

Quem nunca ouviu frases como essas: “Lugar de mulher é na cozinha.”. “Segura suas cabras que o meu bode está solto”. “Ela queria” ou “ela estava de roupa curta”? São frases que agridem e diminuem a mulher, fazendo parecer que ela é sempre a culpada. São comentários ditos muitas vezes em tom de brincadeira como se fosse algo normal, porém, elas têm um grande efeito. Efeito esse que serve de incentivo para homens se sentirem no direito de humilhar, agredir, assediar e violar os direitos das mulheres.

Vivemos em uma sociedade que apesar de ter evoluído em alguns aspectos, a cultura machista continua presente causando danos às mulheres e dificultando a luta por direitos iguais. O machismo é um preconceito onde o gênero feminino é inferiorizado discriminado em diversas áreas da sociedade, como por exemplo do mercado de trabalho, na política, no trânsito, na mídia, na família, entre outros. Essa cultura que dita como uma mulher deve se vestir, se comportar ou ser, isso tem contribuído para que episódios de violência contra as mulheres sejam tão comuns que não são mais capazes de causar revolta ou tristeza em quem assistir aos noticiários.

Grande parte da sociedade tem assistido calada à morte de milhares de mulheres no Brasil e no mundo, o que faz com que os agressores continuem destruindo vidas. Então, se faz necessário trazer o tema violência contra mulher para ser discutido, pensado e propagado. Para que alerte a sociedade sobre o perigo de se ter um país onde não se respeita as mulheres. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) o Brasil ocupa o 5º lugar no ranking de feminicídio, ficando atrás apenas de El Salvador, Colômbia, Guatemala e Federação Russa (2016-2022 - UNALE).

Vivemos em uma sociedade considerada machista. Isso se manifesta em diversos problemas como a desigualdade de direitos entre homens e mulheres, altos índices de violência, assédio e estupro, objetificação da mulher, diferença salarial e muitos outros efeitos. Mas, afinal, você sabe o que é machismo? O que caracteriza uma pessoa machista? Como esse conceito afeta mulheres e homens? Quais são os dados sobre o assunto?

Isso mostra o quanto a cultura do machismo está impregnada na sociedade brasileira, tirando a vida de milhares de mulheres de forma covarde e cruel, apenas pelo fato de serem mulheres. O feminicídio precisa ser discutido e combatido, e a luta contra essa brutal violência não deve ser apenas das mulheres, mas deve ser de toda sociedade brasileira. Como a cultura do machismo colabora para os alarmantes casos de violência contra a mulher, como a barbárie que ocorreu no município de Queimadas-PB.

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa e exploratória, apoiada pela metodologia que permitiu, utilizarmos a técnica de questionário com entrevistas, oportunidade que tivemos de conversar com os entrevistados, além disso, foram incluídos textos, livros, artigos e teses disponíveis na internet sobre o tema investigado. Justificando a pesquisa de violência contra a mulher, a mesma oportunizou trazer à tona atos que envolve a violência que se manifestam por meio das relações entre homens e mulheres, por vezes discriminação e preconceito de natureza de sexual, para análise.

Portanto, este estudo se deteve sobre a violência contra a mulher e o machismo, que teve como objetivo descrever e discutir o conceito de violência de gênero como fenômeno multifacetado que apresenta diversas formas nas diferentes realidades históricas, geográficas, culturais e sociais, na literatura brasileira. No entanto, é de fundamental importância concentrar esforços para desmascarar e denunciar ações que vulnerabilizam o corpo das mulheres.

Para tanto, a abordagem deste estudo está estruturado, em quatro seções: na primeira seção, aborda aportes teóricos-metodológicos sobre a ótica de uma cultura machista na concepção ampliada da violência contra mulher, com vistas à intersectorialidade, estabelecer uma colaboração interdisciplinar, na segunda, os caracteres do perfil geográfico e a formação histórica do município de Queimadas-PB; na terceira, abordará a cultura machista e a força do patriarcado na sociedade brasileira, na quarta seção, analisa e discute a violência contra a mulher, consequência da cultura machista, por meio do resgate histórico de diversos arranjos que contribuem para a compreensão da violência contra as mulheres nas regiões brasileira, como barbárie que ocorreu no município de Queimadas-PB.

2 PERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: DELINEAMENTO DA PESQUISA

A violência contra a mulher é todo ato danoso que resulta em dano físico, psicológico, sexual, patrimonial, que seja por motivação do gênero, ou seja, praticado contra mulheres expressamente pela veracidade de serem mulheres. Este trabalho teve como metodologia a pesquisa qualitativa pois essa permite uma abordagem mais detalhada sobre o tema, fenômenos, ideias, culturas e acontecimentos. Também possibilitou a aproximação do pesquisador com as pessoas, e com a realidade pesquisada, os pontos de vista, impressão e opiniões. Segundo Paulitlo (1992):

Trabalhar com valores, hábitos, atitudes, representações opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade de fatos e processos articulares específicos a indivíduos e grupos. A abordagem qualitativa é empregada, portanto, para a compreensão de fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna (PAULILO,1999, p.135)

Para a elaboração deste trabalho foram utilizadas técnicas como, observação de participantes, entrevistas, história de vida e estudo de caso. Para enriquecer os conteúdos da pesquisa utilizamos dados estatísticos, referentes a pesquisa quantitativa, para representar de forma numérica ocorrências de violência contra a mulher no Brasil. Esses dados serão interpretados de forma que possam somar na pesquisa, mediante sua ligação com outros conhecimentos já obtidos.

No entanto, considerando que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa é uma abordagem que estuda aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano. Os objetos de uma pesquisa qualitativa são fenômenos que ocorrem em determinado tempo, local e cultural (GIL, 1994).

A pesquisa possui enfoques explicativos, exploratórios e descritivos, quanto aos procedimentos técnicos utilizados, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, pois, a coleta de dados de materiais especifica todo processo e evolução do estudo. Já (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.52), apresenta contribuições para pesquisa descritiva ao esclarecer que: “Tal pesquisa observa, registra, analisa e ordena dados, sem manipulá-los, isto sem

interferência do pesquisador. Procura descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações com outros fatos”.

2.1 A ótica de uma cultura machista na concepção ampliada da violência contra mulher

A vitimação de mulheres no Brasil é muito alta, são distintas e pode nos conjecturar que essas agressões contra mulheres estejam aumentando, a cultura do machismo e a violência contra a mulher, inseridas em um contexto de disseminação e de discriminação, vinculando-se à cor, a raça, a classe social ou orientação sexual, esses tipos de violência é um preconceito que ao longo dos anos praticado contra as mulheres, podemos então, destacar as discriminações, violências físicas, econômicas, psicológicas, sexuais e a dos direitos e da dignidade da própria mulher (UNALE, 2016-2022).

O machismo é expresso por opiniões e atitudes, que se opõe à igualdade de direitos entre os gêneros, favorecendo o gênero masculino em detrimento ao feminino. No entanto, é uma opressão, nas mais diversas formas, feitas pelos homens contra as mulheres. Na prática, uma pessoa machista acredita que homens e mulheres têm papéis distintos numa sociedade, que a mulher não pode ou não deve se portar e ter os mesmos direitos de um homem, ou seja, que julga a mulher como inferior ao homem em aspectos físicos, intelectuais e sociais.

Contudo, ser machista é, compartilhar pressupostos de que homens devem possuir privilégios em relação às mulheres, não é um pensamento exclusivamente masculino. Por se tratar de uma cultura enraizada na sociedade, onde crianças são ensinadas desde cedo diferentes papéis que homens e mulheres podem desempenhar, fazendo com que, ambos sexos ao crescerem, perpetuem essa ideia. Dessa forma, as mulheres não estão imunes a reproduzir e perpetuar um machismo estrutural.

A luta da violência contra a mulher, especialmente por parte de seu parceiro, não só causa danos físicos e psicológicos às mulheres, mas, implica riscos aos seus filhos. Presenciando a violência dentro da família, incrementa-se nas crianças as probabilidades de sofrer depressão, ansiedade, transtornos de conduta e atrasos no seu desenvolvimento cognitivo. Além do mais, aumenta o risco de se converterem, por sua vez, em vítimas de maltrato ou futuros agressores (MINAYO, 2005).

Dessa forma, percebemos que o fenômeno da violência é mutante, pois sofre influências históricas, geográficas, circunstanciais e de realidades muito diferentes, pois, desde que o homem vive sobre a Terra a violência existe, apresentando-se sob diferentes

formas, cada vez mais complexas. pode ser praticada no âmbito da vida privada em ações individuais, exemplos disso são: o assédio, a violência doméstica, o estupro, o feminicídio e a violência obstétrica.

No entanto, a violência contra a mulher também pode ser praticada como ação coletiva, é o caso, por exemplo, de políticas estatais de mutilação genital feminina ainda hoje praticada em alguns lugares. A ação coletiva de violência também pode ser praticada por organizações criminosas, como a rede de tráfico de mulheres para prostituição forçada, como acontecem no garimpo nas “Terras Yanomami” (REZENDE, 2020).

A violência é considerada mundialmente como uma violação aos direitos humanos, apresenta um crescimento preocupante ao longo dos anos. E, se manifesta nas mais variadas formas, nos espaços públicos e privados, nas relações institucionais, grupais e interpessoais. Segundo a Organização Mundial da Saúde, a violência é definida como o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo/comunidade, que resulte em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (OMS, 2002).

Assim, a violência se intensifica cada vez mais ao ponto de terminar em mais um caso de feminicídio. A cultura machista se apresenta em vários aspectos da sociedade, porém é no ambiente familiar que o machismo cria raízes e se manifesta com mais intensidade, no lar onde deveria haver amor e segurança, se torna o principal cenário para os piores tipos de violência

2.2 A violência contra a mulher no Brasil

A violência contra mulher pode assumir diversas formas, como uma agressão sociopática de natureza sexual e perversa no sentido psicanalítico do termo, como assédio sexual, discriminação, desvalorização do trabalho familiar de cuidados com a descendência e maternidade. Dentre as diferentes formas de violência de gênero citam-se a violência intrafamiliar ou violência doméstica e a violência no trabalho, que se manifestam através de agressões físicas, psicológicas e sociais. Na violência intrafamiliar, contra as mulheres e/ou as meninas incluem o maltrato físico, assim com o abuso sexual, psicológico e econômico (CASIQUE; FUREGATO, 2006).

Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a cada dois minutos uma mulher é agredida no Brasil. Em 2021 no Brasil a cada 10 minutos uma mulher foi estuprada, o Brasil também registrou feminicídio a cada 7 horas (2022. Dia das mulheres. G1). São números alarmante que mostram o quanto o Brasil precisa melhorar suas políticas de combate

e prevenção à violência contra as mulheres, violência essa que vem sendo ensinada de geração em geração através da cultura machista que incentivam os meninos desde cedo a enxergar as mulheres como objetos sexuais e seres inferiores cuja função é satisfazer os homens, serem submissas e, não falar, não pensar e aceitar que seu número se resume ao lar, marido e filhos.

Meninos são ensinados a liderar, dominar, trabalhar e se manter distante dos afazeres domésticos; já as meninas são ensinadas a se dedicarem aos afazeres domésticos para que no futuro sejam boas esposas, pouco se fala em estudos ou carreira. Essa Cultura expõe as mulheres cada vez mais a agressões, pois uma vez que ela é dependente do marido tem de suportar a violência para não perder seu sustento e o de seus filhos, e para não sair do padrão que a sociedade impõe.

Discutir sobre violência contra a mulher não deve ser de interesse apenas das mulheres, deve interessar a todos. Pois as consequências atingem toda a sociedade, fazendo com que compomos um país cada vez mais violento, cheio de ódio e insegurança. Além de trazer danos à vítima que, adoece fisicamente e psicologicamente, com tendência a ter depressão, síndrome do pânico e outros distúrbios, afeta também negativamente a família que na maioria das vezes precisa colher os órfãos que perderam suas mães para o feminicídio (VIEIRA; GARCIA, 2020).

O país também sente as consequências, pois com a violência se tem um grande número de mulheres e seus familiares utilizando o SUS, nota-se a perda de força de trabalho prejudicando a economia e diminuindo o crescimento do país. Sendo assim é de suma relevância a discussão do tema para que cada vez mais mulheres denunciem a violência e para que a sociedade desperte para combater a cultura machista que a décadas vem tirando a vida de milhares de mulheres no Brasil.

2.3 A barbárie contra a mulher na cidade de Queimadas-PB

A violência de gênero é um problema social, que vem demonstrando seu aumento no mundo, como também em todo território brasileiro, com isso visando a tornar visível as questões de gênero para que assim a violência contra as mulheres seja esclarecida, em especial, as que resultam em morte, a partir das relações de poder desiguais entre homens e mulheres. Nesse sentido, podemos ressaltar que a ação violenta está direcionada à destruição ou ao ataque da parcialidade do outro e, como foram se estabelecendo os papéis masculinos e femininos na sociedade.

A partir dessa perspectiva, uma vez que é uma característica acentuada sobre a violência de gênero e, em nossa região, especificamente onde ocorreu o estupro coletivo e o

crime de feminicídio. O crime foi planejado e aconteceu durante uma festa de aniversário na madrugada do dia 12 de fevereiro de 2012, além dos cruéis estupros das cinco mulheres que foram covardemente assassinadas. O crime ficou conhecido como “A barbárie de Queimadas-PB”. As imagens abaixo denunciam a violência do machismo contra a mulher.

Figuras 01-02: Violência de gênero como resultado da cultura machista



Fonte: <https://encryptedtbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcT7dj2XH3WpGKphxhZNfdyCcmYYa5q1TMW16Q&usqp=CAU>. Acesso em 28/03/2023.

Percebe-se que as fotos expostas, revelam a violência sofrida pelas mulheres, de forma que vêm crescendo, no mundo, no Brasil e na Paraíba, dentre os vários setores da sociedade especificamente na família onde o pensamento machista se faz presente, atualmente é um dos mais debatidos. Isso porque o homem/pai na maioria do meio familiar tem uma posição de superioridade, e atribui o papel de manter a casa, e que a mulher é submissa à vontade do homem, o que acontece tanto nos países do mundo ocidental quanto do oriental. Por mais que esse cenário esteja mudando a sociedade, ainda é, em grande parte patriarcal, voltada para a figura do homem como chefe da família.

Figuras 03-04: Homens agressivos batendo em mulheres



Fonte: <https://encryptedtbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcR6krLMR8odU5pFBXqdaK7s3d9DvPTMqHEJrg&usqp=CAU>. Acesso em 28/03/2023.

Situamos aqui nas fotos a violência física praticada por homens violentos. A violência contra mulheres se manifesta de diversas maneiras, atingindo-as em seus direitos à vida, à saúde, e à integridade física que cause a morte, tanto no âmbito público como no privado, no entanto, a violência constitui-se em uma das principais formas de violação cometidas pelo parceiro no contexto de uma relação afetiva e sexual, independente de ser relação estável, ela é estruturante da desigualdade de gênero. A partir de então, nos debruçamos sobre nossa realidade, uma vez que é uma característica acentuada no Brasil e, em nossas regiões, como no tocante crime de feminicídio na cidade de Queimadas-PB.

Nesse contexto, as leituras feitas a partir de um referencial pertinentes contribuíram para chegar a pesquisa, trabalhamos com elementos que situam no contexto territorial da cidade de Queimadas/PB, sobre pessoas envolvidas e como participantes do estupro coletivo seguido de assassinatos no que se caracterizou como: “Barbárie de Queimadas”. As figuras a seguir reporta através de notícias de jornais a condenação de um dos criminoso dessa violência contra as mulheres.

Figuras 05-06: Notícias e condenação do criminoso da barbárie de Queimadas/PB.



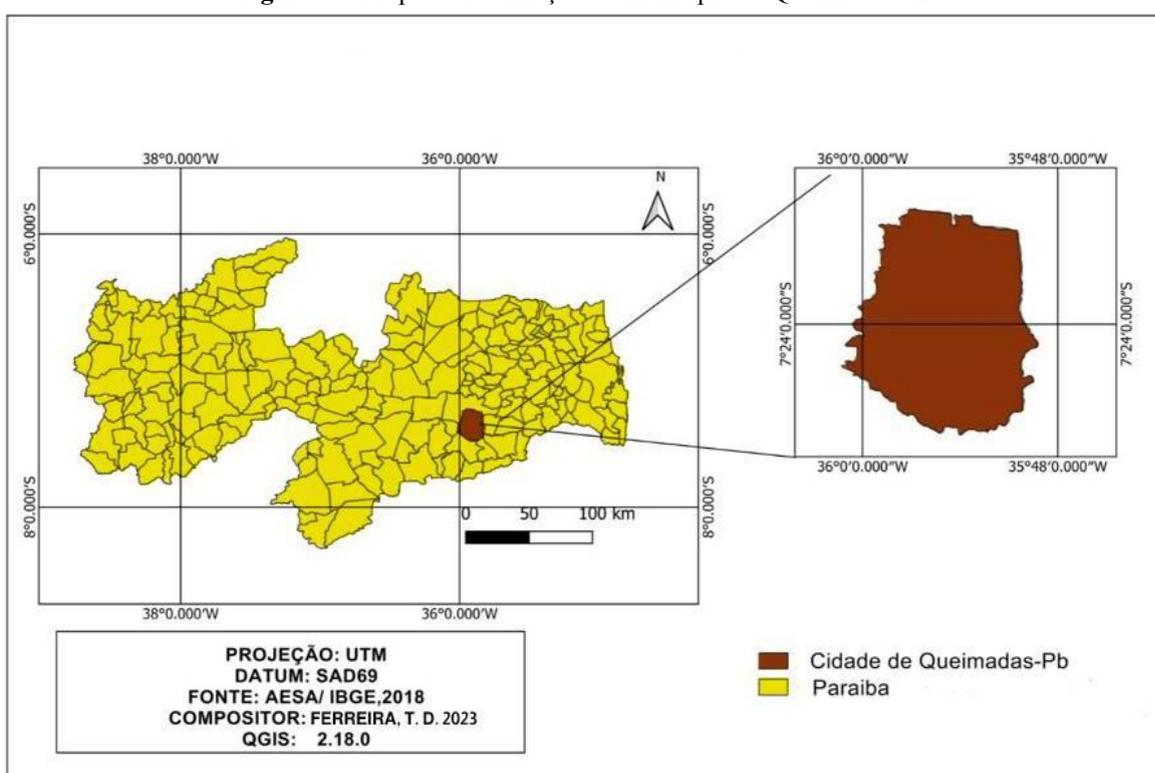
Fonte: Eduardo dos Santos (20220).

Assim, a violência contra a mulher constitui-se em um ato lesivo que resulta em dano físico, psicológico, sexual, patrimonial, é uma construção desigual do lugar das mulheres e dos homens ao longo do tempo, nas mais diversas sociedades. Neste pensamento, situamos a violência na cidade de Queimadas, onde as violações aos direitos das jovens mulheres às suas integridades físicas, é estruturante da desigualdade de gênero é a base onde todas as formas de violências contra a mulher se estruturam e se perpetuam.

3 CARACTERES GEOGRÁFICO-HISTÓRICOS DO MUNICÍPIO DE QUEIMADAS-PB

O município de Queimadas-PB, segundo Lopes (2010), está localizado no Planalto da Borborema na mesorregião do Agreste na Região Metropolitana de Campina Grande-PB, tem uma altitude média de 469 metros, fica a 117,2 Km da capital João Pessoa, possui uma área de 362 Km² que corresponde a 0,67% da área total do Estado, está situado entre as coordenadas geográficas: 7° 21' 55" na latitude sul, a 35° 54' 02" longitude oeste.

Figura 07: Mapa de localização do município de Queimadas-PB.



Fonte: AESA/IBGE. Adaptado por. FERREIRA, Thays Domingos. Trabalho de Campo - 2023.

Segundo o (IBGE, 2018) o município de Queimadas faz limites com os municípios de Caturité, Fagundes e Gado Bravo, a 14 km ao sul-oeste de Campina Grande, sua população era de 43.917 habitantes. Apresenta um relevo predominantemente suave-ondulado, com elevações residuais, uma vegetação composta por caatinga Hiperxerófila com trechos de Floresta Caducifólia, o clima é do tipo tropical semiárido, com chuvas de verão. Possui uma localização privilegiada, pois ela é passagem obrigatória para vários municípios do Cariri e do Agreste como também para a região sudeste do país.

3.1 A formação historiográfica do município de Queimadas-PB

O município de Queimadas tem sua história ligada a chegada do gado ao interior do território paraibano, no século XVIII. O capitão Pascácio de Oliveira Ledo, depois de lutar contra os índios do sertão, resolveu se estabelecer na região do agreste. A vegetação existente, proporcionaram boa caça fazendo com que as pessoas se deslocassem para suas caçadas, ateavam fogo na vegetação de macambiras abundantes, após as queimadas serviam de alimentação aos rebanhos, que têm registro em sesmaria de 1712, daí a origem do nome do município Queimadas-PB (IBGE, 2018).

Figuras 08-09: Antigos bens socioculturais da cidade de Queimadas-PB.



Fonte: https://encryptedtbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSxtRj97XZAzRueTf00Fu5V_aBzkueGVTKTNw&usqp=CAU. Acesso em 02/04/2023.

O processo de ocupação e de povoamento da Paraíba, se desenvolveu de Leste ao Oeste, da região litorânea em direção ao interior, nas últimas décadas do século XVI. Os nativos do território paraibano pertenciam ao grupo dos Tupis e Cariris, destacavam-se o grupo dos Potiguaras e Tabajaras, habitavam a faixa litorânea e os Cariris ocupavam a vasta região do Sertão. O Capitão-mor das Ribeiras do Piancó e do Piranhas, Teodósio de Oliveira Ledo, foi quem trouxe do Sertão os índios ariás (ou uriás) e assentou-os, fundando o aldeamento, hoje Campina Grande-PB.

Os estudiosos envolvidos a estabelecer um diálogo com disciplina à sua área de formação, no que diz respeito ao espaço. Na ótica de Hastshorne (1939, p. 395) apud CORRÊA (2008, p.19). O termo espaço é empregado no sentido de área que: “[...] é somente um quadro intelectual do fenômeno, um conceito abstrato que não existe em realidade [...] a área, em si própria, está relacionada aos fenômenos dentro dela, somente naquilo que ela os contém em tais e tais localizações”.

De acordo com Lopes (2010), o município queimadense foi ocupado anteriormente por sociedades nativas, onde tempos depois foi efetivada a exploração e ocupação da região

da Borborema, precisamente pela família Oliveira Ledo, não havia nenhuma presença de que ali habitavam algumas sociedades nativas na região. Segundo Nascimento (2002), levando em consideração a posição geográfica, a qual, favorecia Campina Grande-PB, situada na região central do Agreste da Serra da Borborema, como povoado tornou-se ponto de passagem e pouso obrigatório dos boiadeiros e de tropeiros vindo do interior em direção ao litoral paraibano.

Em um contexto, o município de Queimadas foi ocupado por portugueses que assentaram no local os Índios Cariris, os quais foram responsáveis pelas estruturas dos e asseguraram a posse da terra para os Oliveiras. Portanto, alguns historiadores com fundamentos básicos, escrevem a história da Paraíba e destacavam a capital João Pessoa, Campina Grande, e de várias outras cidades do interior paraibano, os Oliveira Ledo, dava início ao povoamento do Sertão do Estado, a exemplo do município de Queimadas-PB. Tempos depois chegaram às famílias Oliveiras que iniciaram o povoamento local. O processo de ocupação e povoamento teve início no final do século XIX, no ano de 1889, Queimadas era uma vila e passou a município em 14 de dezembro de 1961.

3.2 Produção geográfica da estrutura urbanística da cidade de Queimadas-PB

A história do desenvolvimento das cidades pode ser compreendida na expressiva e densa produção do espaço urbano-público e privado, contidos na própria característica, nas quais reside a importância atribuída à distribuição de recursos socioeconômicos, políticos e culturais. Considerando o processo procedente das edificações enquanto espaço público enraizado no passado até o presente, os quais estão relacionados a fundação do município de Queimadas.

Figuras 10-11: BR 104 corta o centro da cidade de Queimadas-PB.



Fonte: FERREIRA, Thays Domingos. Trabalho de Campo – 2023.

O processo de urbanização é decorrente de apropriação em diferentes usos do espaço

geográfico público e privado, como industrial, o comercial, o residencial, de serviços, composta através da movimentação da infraestrutura de produção do espaço urbano, numa diversidade de apropriação do próprio espaço, atrelado ao urbano ou rural. Cabe ressaltar, construções antigas (históricas), entre outras novas edificações as quais permanecem entrelaçados no contexto sociocultural, público e político, a compreender o emaranhado do processo de crescimento da cidade, a exemplo de Queimadas-PB.

Assim desta forma, a cidade se torna um lugar de revoluções desde a época da transição do feudalismo para o capitalismo (SANTOS,2014). Nesse sentido, a cidade passa a ser um lugar de trabalho livre reunindo as mais diversas profissões, neste processo histórico, os trabalhadores tinham de certo modo a liberdade de escolha das suas profissões diferente do campo em que trabalhavam para os feudelistas. Ainda Santos (2014, p.52): “A cidade é um lugar revolucionário”. A esse respeito o estudioso esclarece, que a cidade atribui funções diferentes, que todos os dias novas funções surgem e substituem as antigas, e se impõem e se exercem, de acordo com a evolução das novas práticas de reprodução de cada cidade.

Já Carlos (2013), aponta que as relações sociais podem ser constatadas nas dimensões espaciais e possuem material que permite analisar a espacialidade de forma construtiva a sociedade, ressaltando a capacidade de apropriação, produção e reprodução num espaço-temporal, realizando-se ao longo do processo histórico como produto social. Estas ações sociais estão inseridas na formação das cidades. A figura a seguir denuncia as formações da estrutura urbana da cidade de Queimadas.

Figura 12: Centro da cidade de Queimadas-PB.

Fonte: FERREIRA, Thays Domingos. Trabalho de Campo – 2023

O desenvolvimento de uma cidade é compreendido na densa produção do espaço urbano-público e privado, incluído na própria característica, onde reside a distribuição de recursos socioeconômicos, educacionais e políticos. Nesse contexto, podemos falar sobre espaços vividos e da experiência das pessoas nesses lugares. Considerando o processo da rede urbana enquanto espaço ocupado por um povo enraizado do passado ao presente, situamos como conteúdo das especificidades espaciais, a figura acima do centro da cidade de Queimadas-PB. É importante frisar que se tratando de estrutura urbana das cidades, é preciso antes de tudo, aceitar a existência de uma hierarquia de centro e periferia, mas, também refletir sobre o papel das estratégias de hierarquização.

Nesse ponto de vista, tal enfoque aponta sobretudo para ideia de que a sociedade queimadense se reproduz num espaço determinado como condição para sua existência, através dessa ação que ela também produz., conseqüentemente, um espaço que lhe é próprio, e que tem sua dimensão historiográfica com especificidades ao longo do tempo (CARLOS, 2013). Portanto, o espaço pode ser visto em um sentido absoluto, com uma existência específica como a cidade de Queimadas/PB.

4 A CULTURA MACHISTA E A FORÇA DO PATRIARCADO NA SOCIEDADE BRASILEIRA

O machismo é um preconceito de gênero onde inferioriza o sexo feminino, colocando o homem em posição de superioridade. Essa ideia se manifesta de inúmeras formas, como por exemplo: nas populares frases que passam de geração em geração, na música através de letras pejorativas que agridem e mancham a honra da mulher. O machismo também está presente na família, na política, no mercado de trabalho, na mídia e em muitas outras esferas da sociedade.

Nesse contexto, de subordinação dos fins à lógica que se manifesta via elementos que menosprezam a mulher e eleva o homem a superioridade no âmbito geográfico-histórico e social, de acordo com Massey (2008, p. 89): “[...] de que o espaço é uma multiplicidade discreta, cujo os elementos, eles próprios estão impregnados de temporalidade”. Sem dúvida, permite identificar e analisar os obstáculos sociais no acesso aos direitos das mulheres como o agravamento das condições de vulnerabilidade, que podem estar expostas em decorrência em que estão inseridas ao meio sociocultural, nesse caso a violência doméstica na própria casa.

Na cultura machista a mulher não tem o direito de tomar decisões, estudar ou trabalhar. Ela é definida como frágil, incapaz e doméstica, onde o único espaço que deve ocupar é um ambiente doméstico. Seu tempo e dedicação deve ser para lavar, passar, cozinhar, limpar, cuidar dos filhos e ser submissa ao marido. Enquanto para o homem é dado o papel de autoridade, chefe de família e o único provedor da casa. É imposto o padrão de masculinidade onde o homem não pode chorar aceitar opiniões de mulheres, auxiliar nas atividades domésticas. Ele precisa ser aquele macho dominante, violento e dominador para ser bem visto na sociedade.

A força do patriarcado caiu sobre as mulheres, mas obviamente afetou também as definições de masculinidade. Os homens, independentemente da personalidade de cada um, deveriam assumir seus papéis de dominantes. Deviam evitar mimar as mulheres, especialmente em público. Com frequência, precisavam estar prontos a assumir deveres militares ou outro tipo de liderança e, em princípio, eram evidentemente responsáveis pela sobrevivência da família. (STEARNS. 2007, p. 34).

O patriarcado oprimiu as mulheres, resumindo-as ao ambiente doméstico e impondo como deveriam ser ou agir, no patriarcado a mulher é colocada como ser inferior pronta para servir. Essa posição de inferioridade expõe a mulher a situações de violência e humilhação. No entanto é importante observar que o patriarcado não apenas coloca o homem numa

posição confortável de poder, essa cultura impõe um padrão de masculinidade onde o homem para atingir esse padrão precisa esconder suas emoções ou fraquezas, se mostrando como líder e responsável por sua família. Para exercer essa liderança o homem tende a utilizar de violência e intimidação contra a mulher para mantê-la submissa.

Por isso, em geral, quando acusados, os agressores reconhecem apenas ‘seus excessos’ e não sua função disciplinar da qual se investem em nome de um poder e de uma lei que julgam encarnar. Geralmente quando narram seus comportamentos violentos, os maridos (ou parceiros) costumam dizer que primeiro buscam ‘avisar’, ‘conversar’ e depois, se não são obedecidos, ‘batem’. Consideram, portanto, que as atitudes e ações de suas mulheres (e por extensão, de suas filhas) estão sempre distantes do comportamento ideal do qual se julgam guardiões e precisam garantir e controlar (MINAYO, 2005, p.11).

Para homens agressores a mulher é um ser inferior e incapaz de tomar decisões sozinha ou exercer funções fora do ambiente doméstico. Sendo assim, na ótica do agressor é função dele controlar a mulher para que ela obedeça e cumpra seu papel, papel esse que é imposto pela sociedade que a coberta o machismo fazendo-o parecer normal e aceitável. O agressor nunca se vê como culpado, mas jogar a culpa da agressão na vítima que na ótica dele desobedeceu e provocou a situação. Para ele, a mulher sempre está longe do comportamento ideal e por isso precisa passar por corretivos.

A violência doméstica é cometida por pessoas “normais” com profissões, religião, família e vidas normais que muitas vezes passam despercebidas pela sociedade. Esses agressores na maioria dos casos são namorados, maridos ou companheiros da vítima e por se tratar de relações afetivas criam um ambiente onde a mulher passa a ser agredida e só se dá conta quando chega no ponto da agressão física.

Assim, a prática da cultura machista torna-se comum nas relações conjugais, onde o homem controla a mulher com a justificativa de que ela é sua posse, e pode puni-la caso ela se recuse a cumprir direito seu papel de mulher ou tome atitudes que o contrariem, tratando-se de relações desiguais, violência sempre justificadas pelo agressor que relata que a culpa é da mulher que "traiu", "reclamou", "saiu sem permissão", "não fez comida" ou o desrespeitou.

Esse padrão de masculinidade imposto pelo patriarcado, em que o homem é colocado em posição de privilégio como dominante, também é pressionado a assumir sozinho o papel de responsável pela sobrevivência da família. Isso contribui para situações de estresse e sobrecarga emocional, onde a mulher é aquela que recebe as consequências, pois é vista como propriedade do homem.

4.1 Como o machismo limita a mulher ao espaço doméstico

No século XIX os homens pertenciam às esferas públicas, pois desempenhavam um papel de trabalhar para o sustento de suas famílias. Já as mulheres pertenciam ao espaço do lar, enquanto seus maridos estavam trabalhando, elas cuidavam da casa e dos filhos. Dela será cobrado que tudo estivesse em perfeita ordem, era delas a responsabilidade de cuidar da educação dos filhos e resolver os problemas internos. Essa divisão de tarefas não era questionada, afinal era o destino natural, as mulheres nasciam para uma função e os homens para outra. Porém, a partir do século XX os espaços sofreram transformações sociais e econômicas; enquanto os homens eram criados para a guerra, as mulheres precisaram assumir os negócios da família ou procurarem emprego nas fábricas. Assim, movimentos feministas começaram a ganhar força.

Apesar de tantos desafios e desigualdades no mercado de trabalho, as mulheres passaram a lutar pelo direito de ocupar outros espaços. Com o passar do tempo, direitos foram conquistados, a mulher passou a ser vista na sociedade. No entanto, aquele mesmo machismo busca trazer de volta aquela realidade onde as mulheres não tinham direito à educação, ao voto, aos palcos, ao emprego, ao lazer e ao direito de ir e vir. Limitar a mulher ao ambiente doméstico é limitar as possibilidades de desenvolvimento de capacidades, é perder a chance de ter pessoas talentosas e competentes para somar em diversas áreas na sociedade.

4.2 Violência doméstica: o perigo dentro de casa

O ambiente doméstico muitas vezes tem sido o palco das piores violências praticadas contra a mulher, violência essa que tenta silenciar e oprimir a mulher. Por isso se trata de agressão que acontece dentro de casa no seio familiar, a vítima se cala e tenta evitar agressões retraindo e buscando não contrariar o agressor. Pois por causa do modelo patriarcal na sociedade, o fim do casamento significa o motivo de gula vergonha principalmente para mulher.

A violência também não é um comportamento que ocorre apenas em classe baixa, trata-se de um fenômeno que atinge todas as classes sociais, diferentes orientações sexuais, identidade e grau de escolaridade. Notícias de mulheres assassinadas por companheiro ou ex-companheiro estão todos os dias na mídia, na maioria dos casos já vinham ocorrendo agressões e a vítima Cala a boca por diversos motivos como, o medo de lula a vergonha, falta de recursos financeiros para se sustentar sem o agressor, outras vezes por causa de uma religião que condena ou pressão familiar.

Dados da Organização Mundial da Saúde em 2013 diz que o Brasil ocupa o 5º lugar no

ranking de 83 países onde mais mata mulheres. Os dados também mostram que quase 30% dos crimes acontecem nos domicílios, apesar de números são alarmantes o silêncio ainda predomina as mulheres continuam correndo perigo no ambiente onde deveria estar segura.

Para acabar com a violência doméstica é necessário punir os agressores e proteger as vítimas. Porém, por ser um fenômeno em massa estrutural e por isso seguir o ciclo de violência, é preciso mais ações de enfrentamento como colocar essa discussão nos currículos escolares, promover campanhas educativas, medidas de prevenção à violência que oriente as famílias e toda a sociedade.

A família é a base da sociedade, e é no ambiente familiar que o machismo se manifesta de forma mais clara, pois apesar de tantas mudanças, o patriarcado ainda é o modelo. O Pai significa liderança da casa, enquanto a mãe é vista como inferior. A divisão das tarefas e justa gera sobrecarga nas mulheres. Segundo o IBGE, as mulheres dedicam em média quase 10 horas a mais em tarefas domésticas realizadas por semana. Algumas das consequências são mais homens ocupando cargos de chefia, menos mulheres no mercado de trabalho, limitado espaço para as mulheres, menos qualidade de vida, problemas de saúde mental e física, fortalecimento da cultura machista, menos chances de a mulher fazer curso superior, mais chances de violência doméstica e entre outros problemas.

4.3 O machismo: Violência contra a mulher um alerta para toda a sociedade

Segundo a OMS, é o uso da força física ou poder em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa, contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação. (2022. OMS).

A Violência está presente em diversos grupos, espaço e classes sociais, e acontece de várias formas, impactando todos que estão ao redor do agredido ou agressor de forma negativa. O autor da violência sente a necessidade de domínio sobre a vítima. Para isso, utiliza de intimidação, exclui o diálogo e se esforça para reduzir o agredido a nada. Quando falamos em violência é impossível não pensar nas mulheres que a cada dia sofrem cada vez mais com a violência. Dados do 5º anuário de segurança pública de 2020 mostram que 100 mulheres sofrem algum tipo de violência a cada uma hora no Brasil.

São violências como: feminicídio, lesão corporal, ameaças, estupro e violência doméstica. vergonhosamente o Brasil ocupa o 5º lugar no ranking do feminicídio no mundo, significa dizer que a cultura do machismo e da violência vem ganhando cada vez mais força e

espaço, quando uma mulher é agredida, violentada ou morta se faz necessário prestar mais atenção nas consequências que são sofridas não somente por ela, mas também por quem está ao redor. uma criança que assiste a mãe ser agredida tem grande tendência a se prejudicar emocionalmente e psicologicamente, também corre o risco de se tornar um adulto agressivo capaz de reproduzir a violência aumentando assim o número de agressões, consumo de álcool e drogas, casos de ansiedade e depressão, e conflitos. o indivíduo que presencia episódios de violência não está isolado ele está no meio da sociedade influenciando e sendo influenciado, interagindo e construindo relações.

Quando agredida, a mulher passa a ter menor rendimento físico e mental, problemas para dormir, em segurança, dificuldades para exercer suas funções em casa ou no trabalho e tendência a problemas como ansiedade e depressão. À violência causa impactos nas famílias das vítimas, nas comunidades e em todo o país pois, com a violência vem o aumento de despesas médicas, legais, judiciais, a produtividade e a economia do país são afetadas.

4.4 Os cinco tipos de violência

A violência contra a mulher viola seus direitos humanos, como seu direito à vida, saúde e integridade física e psicológica. Constantemente as mulheres são vítimas de violência não só no ambiente doméstico, mas em outros espaços da sociedade, em forma de assédio no trabalho, uma passada de mão no transporte público, estupros em festas, intimidação apenas pelo fato de ser do gênero feminino.

Quando se fala em violência, é comum pensar primeiro em agressões físicas, pensar na imagem da mulher machucada, com olho roxo e hematomas espalhados pelo corpo. porém, a violência contra mulher não se resume apenas em um tipo; é definida em cinco tipos que, apesar de muitas vezes passarem despercebidos causam danos graves à integridade da mulher e são a porta para casos de feminicídio. a Lei Maria da Penha no capítulo II, art. 7º, incisos I, II, III, IV, e V, Classifica os cinco tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher como: violência física, psicológica, moral, sexual e patrimonial.

Violência física: é qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da vítima. são ações que estão relacionadas a espancamento, atirar objetos, sacudir e apertar os braços da vítima, estrangulamento ou sufocamento, lesões com objetos cortantes ou perfurantes, ferimentos causados por queimaduras ou arma de fogo e tortura. O agressor no praticar esse tipo de violência utiliza de desculpas e justificativas, sempre colocando na vítima a culpa dessas ações, que, para eles são punições praticadas por causa de atitudes tomadas

pela mulheres.

Figuras 13-14: Violência física e psicológica contra a mulher.



Fonte: Jornal de Brasília (2020).

Violência psicológica, é qualquer conduta que cause danos emocionais ou psicológicos, prejudicando o desenvolvimento da mulher, diminuindo sua autoestima e deixando-a insegura. A violência psicológica relacionada à ação como: humilhação, ameaças, constrangimentos, isolamento (em que a vítima é proibida de conversar com amigos ou familiares) proibir de estudar ou trabalhar, vigilância constante, manipulação, perseguição, chantagem e limitação do direito de ir e vir. Outra ação bastante comum é distorcer ou omitir fatos, para que a vítima duvide de sua memória e sanidade. Ficando vulnerável e refém do agressor.

Figuras 15-16: Abuso e agressão contra a mulher.



Fonte: Jornal de Brasília (2020).

Violência sexual: é quando a vítima é obrigada a presenciar, manter ou praticar relação sexual não desejada mediante a intimidação, ameaça, coação ou uso da força. Esse tipo de violência ocorre em diversos ambientes, como trabalho, na rua, na família na maioria dos casos em casa, onde a mulher se encontra em um relacionamento abusivo e demora a perceber que aquela situação trata-se de violência sexual. A violência sexual está relacionada às ações como: Estupro, obrigar a mulher a praticar atos sexuais que causam desconforto ou repulsa, proibir o uso de contraceptivos ou forçar a mulher a abortar, forçar gravidez, matrimônio ou

prostituição por meio de manipulação, ação, chantagem ou suborno.

Violência patrimonial: segundo o Instituto Maria da Penha, patrimonial entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos instrumentos de trabalho documentos pessoais, bens valores e direitos ou recursos econômicos incluindo os distintos a satisfazer suas necessidades.

O agressor com a intenção de tornar a vítima impotente, usa de atitudes como controlar o dinheiro, destruir documentos pessoais da vítima, cometer furto ou da vírgula deixar de pagar pensão alimentícia, praticar estelionato privar de bens valores ou recursos econômicos, causar danos propositais a objetos da mulher ou dos quais ela goste.

Violência moral: são condutas que configuram calúnia, difamação ou injúria. O agressor que pratica violência moral utiliza de todos os artifícios para ridicularizar a vítima sem dar a ela chance de defesa, expondo de diversas formas. algumas de suas ações são: acusar a mulher de traição emitir juízos Morais sobre a conduta, fazer críticas mentirosas, expor a vida íntima da vítima, rebaixar a mulher por meio de xingamentos que incidem sobre sua ídola, desvalorizar a vítima pelo seu modo de se vestir e maquiar ou se comportar.

4.5 Lei Maria da Penha: Um grande passo na luta contra a violência doméstica

A Lei Maria da Penha teve sua criação baseada na história da farmacêutica cearense Maria da Penha Maia Fernandes, que foi vítima de violência doméstica de seu ex-marido durante 23 anos. Covardemente ele tentou assassinar duas vezes, na primeira tentativa Ele atirou nela enquanto ela dormia, deixando-a paraplégica. Na segunda tentativa, Maria da Penha foi vítima de eletrocussão e afogamento. Após esses traumáticos acontecimentos traumáticos, ela denunciou o seu agressor, dando início a um processo que demorou quase 20 anos para ser finalizado. Seu ex-marido foi julgado duas vezes e punido 19 anos depois, e apesar da gravidade de suas ações ficou preso por apenas dois anos.

O caso de Maria da Penha não ficou no anonimato, mas ganhou repercussão internacional, fazendo com que o Brasil fosse condenado em 2001 pela comissão interamericana de direitos humanos por tolerância e omissão em relação à violência contra mulher. Em 2006, o Congresso aprovou a lei 11.340/06, amplamente conhecida como Lei Maria da Penha. Essa Lei é um marco na luta contra a violência doméstica. A lei Maria da Penha garante a proteção das mulheres contra a violência doméstica, seja ela física, psicológica, sexual, patrimonial ou moral. Essa Lei alterou o código penal brasileiro, agora agressor pode ser preso em flagrante ou ter a prisão preventiva decretada.

<https://www.institutomaria.org.br/lei-11340/resumo-da-lei-maria-da-penha.html>.

Além disso, também houve outra alteração, que foi a eliminação das penas alternativas para o agressor que, antes tinha como punição o pagamento de pequenas multas ou de cestas básicas. Outros fatos importantes sobre a Lei Maria da Penha são: A Lei também é aplicada para casais uma fetivo, seja formado por duas mulheres ou transgêneros, o agressor pode ser condenado a três anos de reclusão, podendo ter sua pena aumentada em 1/3, no caso da vítima se trata de uma pessoa com deficiência. Segundo a ONU, a Lei Maria da Penha é uma das melhores legislações do mundo para o combate à violência doméstica contra a mulher.

5 A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: CONSEQUÊNCIA DE UMA CULTURA MACHISTA

A pesquisa trabalhou com dados e informações como idade, formação educacional, atuação profissional e percepção sobre a violência contra a mulher (VCM) junto a população local. Foram realizadas entrevistas, com pessoas residentes no município de Queimadas-PB, foi utilizado questionário incluindo questões com visões multicausais de violência, como atentado contra a vida das mulheres denominados de feminicídio, sofridos nas diversas dimensões da sociedade para comprovar as hipóteses no decorrer do trabalho.

A sociedade tem dado tanta força à cultura do machismo, que situações de agressões contra a mulher não causam tanta comoção nas pessoas como deveriam causar. O machismo se tornou algo tão normal que agressores de mulheres não sentem culpa por suas ações, a culpa é sempre colocada na vítima. Para o agressor ele está apenas corrigindo o comportamento da mulher e que é normal utilizar de métodos punitivos.

A violência contra a mulher, além de prejudicar a vítima, colocando nela o medo e a insegurança, tirando dela o direito de sonhar e de viver uma vida normal, causando nela feridas no corpo e na mente, também causa danos nas pessoas que estão ao seu redor. Principalmente os filhos que presenciam os episódios de violência e sofrem sem a possibilidade de colocar um término à situação.

5.1 Fala e argumentação das entrevistadas na percepção da violência contra mulher

Quando nos deparamos com números tão alarmantes de mulheres sendo estupradas, ou mortas, imaginamos que a violência contra a mulher é algo recente que vem aumentando nos últimos anos. Mas se pararmos para pensar um pouco e refletirmos, chegaremos à conclusão de que as mulheres sempre sofreram violência?, e aos poucos estão se encorajando a denunciarem seus agressores. Agressores esses que na maioria dos casos são namorados, maridos ou companheiros das vítimas.

Entretanto, o lugar possui um termo evocativo, útil aos teóricos e aos indivíduos quanto à essência de cada lugar, que segundo Corrêa e Rosendahl (2007), afirmam que, os lugares afetam as pessoas, e as pessoas os criaram ou mudam. Assim, a situação geográfica e histórica de lugares é o ponto inicial de todo movimento de ações especiais no dia a dia de cada pessoa, a exemplo da “Barbárie de Queimadas-PB”.

A violência contra a mulher se constitui em uma das principais formas de violação aos direitos de cada ser humano, como a maior desigualdade de gênero do mundo e, se manifesta

de diversas maneiras”. Portanto, na sequência, iniciamos nossas entrevistas com Eliane da Costa Barbosa de 53 anos, doméstica, mora em Queimadas, vítima de violência, ao ser questionada sobre os possíveis motivos que podem ser causadores da violência contra a mulher, respondeu que:

A violência contra a mulher acontece, porque os homens são machistas. Eles não aceitam que a mulher tem direito de trabalhar, de cuidar da saúde dela, direito de ir a uma academia ou direito de ir a uma festa. Com certeza a cultura machista influencia na violência contra a mulher.

Na sua fala ela destacou a ligação que a cultura do machismo tem com a violência doméstica. Quando fala que os homens não aceitam que as mulheres trabalhem, cuide da saúde ou vá uma festa, mostra o quanto as mulheres têm sido oprimidas por homens que insistem em controlar suas ações e o direito de ir e vir. Esse controle tem sido cada vez mais incentivado pela sociedade que ainda assiste esse tipo de violência como algo natural.

Portanto, a entrevistada ainda acrescentou: “Meninas e meninos têm que ser educados igualmente, porque se você vai educar a menina de uma maneira e o menino de outra, no futuro o menino vai ser machista com as mulheres”. Nessa fala, a entrevistada ressalta e faz um alerta sobre a maneira de educar as crianças contribui para que seja moldado desde cedo o caráter. As crianças observam o comportamento dos adultos e a tendência é que reproduzam aquele comportamento como algo normal. Se meninos são incentivados a serem líderes, dominadores ou heróis, enquanto meninas são educadas apenas para serem mães ou donas de casa e manipuladas a se sentirem mais frágeis que os meninos, a cultura do machismo e do patriarcado está sendo plantada e não demora muito para crescer e gerar consequências.

Neste cenário, podemos destacar diferentes dimensões relacionais com a violência contra as mulheres, realizando entrevistas com mulheres de diferentes classes sociais, diferentes níveis de escolaridade e de profissão foi possível observar que boa parte delas já sofreu ou presenciou episódio de violência contra a mulher, e o ambiente palco dessas agressões são sempre na família. Em seu relato a entrevistada Adenise Queiroz de Farias, de 46 anos, pedagogia e doutora em educação inclusiva, profissão professora falou:

Já presenciei alguns casos de violência contra a mulher dentro de família. Me recorde pelo menos duas vezes, já vi homens agredindo fisicamente sua mulher pelo fato de ela não estar correspondendo aos desejos sexuais deles. Na minha opinião a violência contra a mulher acontece, principalmente porque sobretudo nas civilizações ocidentais se naturalizou uma ideia de que o homem tem mais força que a mulher, não só força física mas de que o homem tem mais poder sobre a mulher. Então, é ele o dominador e quando não consegue usar essa força como coesão, como punição ele vai se valer da força física para poder oprimir mulheres. Tanto que a violência contra a mulher se manifesta principalmente no espaço doméstico.

A entrevistada ressaltou em sua fala que presenciou episódios de agressões contra a mulher, e que o espaço doméstico é onde a violência mais ocorre. Ela também reforça que essa violência vem sendo incentivada culturalmente, ensinando que o homem é mais forte e tem poder sobre a mulher.

Portanto, a violência intrafamiliar e violência física, no âmbito da violência doméstica, encontra-se a violência conjugal que tem sido definida como a violência contra a mulher cometida pelo parceiro no contexto de uma relação afetiva e sexual, independente de ser relação estável.

A violência doméstica não causa apenas danos físicos, como hematomas, queimaduras ou lesões pelo corpo da vítima. Muitas vítimas sofrem agressões tão violentas que acabam tendo danos permanentes como paraplegia ou fraturas. Não há dúvida de que são marcas que ela carregará para a vida inteira.

Mas é importante observar que não existe apenas a violência física, e que os danos não são apenas físicos. Mulheres que sofrem violência também podem apresentar sinais de ansiedade, depressão ou síndrome do pânico, o que impacta sua vida tão negativamente que a vítima é privada de levar uma vida saudável.

É importante destacar que a violência contra a mulher não gera impactos negativos apenas para a vítima das agressões, mas também gera transtornos para quem está ao seu redor. A entrevistada Evelyn Brito de 23 anos, com o ensino médio, comerciante-autônoma e moradora da cidade de Queimadas-PB, relatou durante a entrevista que:

A violência não impacta somente a mulher, mas também os filhos. Com a família ou com o trabalho. Algumas mulheres são proibidas de ver a família e isso é um tipo de agressão. O machismo tem a intenção de ter o controle 100% sobre a mulher.

Em sua fala ela relata que além de consequências para a vítima, a violência também impacta na vida dos filhos, ao presenciarem a violência adquirem traumas que levaram para o resto de suas vidas e que serão prejudiciais para o processo de aprendizagem e socialização dessas crianças que têm tendência a adquirir problemas emocionais, se mostraram mais retraídas ou agressivas. Esses impactos negativos também atingem a família que muitas vezes se vê impotente a situação da violência. As consequências também atingem a sociedade pois a violência causa sobrecarga no sistema de saúde e nas forças policiais ostensivas.

Quando perguntada como a violência impacta na vida da mulher e na vida de quem está ao seu redor, a entrevistada Robéria Cadé Santos Barbosa, de 46 anos, com pós-graduação em enfermagem, residente na cidade de Queimadas-PB respondeu:

A violência gera um impacto negativo para a mulher, onde ela vai se sentir inferior e onde isso vai gerar problemas psicológicos e também vai prejudicar quem está ao seu redor, porque é um ciclo de violência, e violência gera violência. Então é um impacto muito danoso para o convívio em geral. Já sofri e presenciei violência na minha casa. Meu pai era alcoólatra muito violento e... Eu já sofri um tapa na cara por falar alguma verdade.

Em seu relato a entrevistada expõe sua opinião sobre como a violência causa danos à mulher, ela destaca o dano psicológico apresentado que além da mulher, as pessoas de seu convívio também são prejudicadas pela violência. Ainda durante a entrevista, quando perguntado sobre o motivo de a violência contra a mulher acontecer ela relatou:

Eu acredito que a violência contra a mulher existe por causa de uma cultura machista, onde os homens são superiores fisicamente, isso leva ao entender que eles podem controlar, e é nesse controle talvez... gere-se essa violência.

Durante a entrevista quando perguntada sobre a causa da violência contra a mulher, a entrevistada Delha Daiane Maciel Ferreira de 36 anos, curso médio completo, profissão enfermeira, residente na cidade de Queimadas-PB e trabalha como agente de entrada de saúde relatou:

A violência acontece por covardia da pessoa violenta, por causa do machismo, e por que nós mulheres deixamos chegar ao ponto de violência, muitas vezes por medo do agressor. Mulheres vítimas de agressões acabam ficando com sequelas como: depressão, medo e síndrome do pânico. Os filhos são os que mais sofrem por presenciarem toda a situação e são prejudicados emocionalmente.

Segundo a entrevistada o machismo influencia para que a violência contra a mulher aconteça e que na maioria dos casos a mulher permite que chegue ao ponto de ocorrer a violência física por medo do agressor, que o uso da força para intimidar a vítima. Ela também aponta alguns tipos de sequelas que essa violência deixa na vítima. São feridas no corpo, mas também medo, síndrome do pânico e depressão. A violência doméstica ou violência intrafamiliar é praticada na maioria dos casos por pessoas que convivem com a vítima, segundo dados da agência Patrícia Galvão os maridos, namorados ou ex são responsáveis, são os autores da violência, em mais de 80% dos casos.

Na maioria das vezes a violência é praticada dentro de casa independente de classe social, idade, grau de escolaridade, orientação sexual, etnia ou religião. Conforme Tebet (2019, p 28) que: “[...] agressão física e/ou psicológica que ocorre dentro de casa existem todas os níveis, independente de raça, condição social ou grau de escolaridade”.

É importante reforçar que a violência não acontece apenas nas periferias com mulheres de baixo poder aquisitivo. A violência doméstica tem se propagado em diferentes níveis da sociedade, onde agressores se aproveitam dos laços afetivos que possuem com a vítima para

praticarem os diversos tipos de violência. Durante as entrevistas tive a oportunidade de ouvir diversos relatos de mulheres que já sofreram ou presenciaram a violência. Quando perguntamos sobre a violência contra a mulher, a senhora Maria Célia de Araújo Santos de 40 anos, ensino médio completo, profissão confeitadeira, residente na cidade de Queimadas. No ponto de vista dela, afirmou que:

Na minha opinião, o ser humano acha que tem direito de mandar nas outras pessoas, sem respeitar os limites e quando não consegue perde o controle e querem resolver com violência. A cultura do machismo colabora para casos de violência. Já presenciei episódios de agressão contra a mulher sempre que o meu cunhado bebia cachaça chegava em casa agredindo minha irmã. Na minha opinião a violência impacta de várias formas nas mulheres. Elas ficam sem vontade de viver, não tem mais ânimo para prosseguir com sua vida normal e andam com vergonha na sociedade.

Em sua fala, a entrevistada acredita que o machismo incentivo na violência contra a mulher e relata que sua irmã já sofreu violência doméstica por parte do marido que, se embriagava e praticava agressão física contra ela dentro de ela menciona que mulheres vítimas de violência perdem a vontade de viver de prosseguir, outra fala importante se nota quando ela acrescenta que a vítima anda com vergonha na sociedade. Essa vergonha que ela cita é imposta pela própria sociedade que ainda é patriarcal e coloca a mulher como culpada por receber agressões.

Daiana Rodrigues da Silva, 29 anos, doméstica, tem o ensino médio completo, é moradora da cidade de Queimadas. E quando perguntada “como a violência impacta na vida da mulher e como ela impacta na vida das pessoas ao seu redor” ela respondeu da seguinte forma:

A mulher passa a viver com medo, e por muita das vezes tem dependência emocional pelo agressor, e infelizmente muitas só conseguem enxergar o pior tarde demais e em relação aos que estão ao redor exemplos os filhos acabam criando traumas e se tornando pessoas agressivas ou não.

A partir da sua fala ela aponta que o medo é um dos principais motivos que levam a maioria das mulheres a não denunciarem seus agressores ela também destaca a dependência emocional que faz com que ela tenha medo de ser abandonada e vai mantendo a relação a todo custo sem se importar com as consequências que isso pode trazer para e quando questionada “se o comportamento da mulher e sua maneira de vestir influencia para que ela sofra violência, como estupro, por exemplo”, ela respondeu da seguinte forma:

A mulher ela tem o direito de ir e vir, vestir o que se sentir confortável, mas infelizmente isso ainda é um problema porque tem homem que acha que a roupa é um convite para um estupro ou coisa do tipo, isso é uma questão complicada.

Nesse trecho, a entrevistada fala da liberdade da mulher de vestir de ir e vir e de se sentir livre, mas que segundo ela isso é um problema para alguns homens que se sentem convidados a praticar algum tipo de violência só por ela não estar vestida do jeito que ele acha adequado. Lidiane Aires Gomes, 36 anos, com o ensino médio completo, é moradora da cidade de Queimadas-PB, é policial militar do Estado da Paraíba. Quando questionada se já sofreu discriminação na sua profissão ela respondeu da seguinte forma:

Já sofri sim discriminação na minha profissão, por ser mulher. Alguns homens têm um certo preconceito de trabalhar com mulher por achar que não conseguimos, quando na verdade muitas das vezes fazemos o serviço bem melhor do que alguns homens, né?

Com sua fala ela destaca a discriminação no trabalho que muitas mulheres sofrem no seu dia-a-dia, no qual muitas dessas discriminações são por motivos fúteis, ela também aponta para a capacidade das mulheres de realizarem suas funções muitas das vezes melhores que alguns homens. Mas adiante quando perguntada se ela já presenciou sofreu algum tipo de violência ela respondeu que:

Já sofri sim, tanto física como psicológica em um relacionamento antigo, foi muito difícil. Mas se conseguir sair, graças a Deus. E eu tanto já sofri a violência, como já presenciei vários tipos de ocorrência desse tipo, desse nível. Eu sempre aconselho às mulheres, porque na verdade quem está nesse ciclo de violência, na maioria das vezes não percebe que está e por isso é tão difícil sair dela. Às vezes não acredita que está passando por um ciclo de violência.

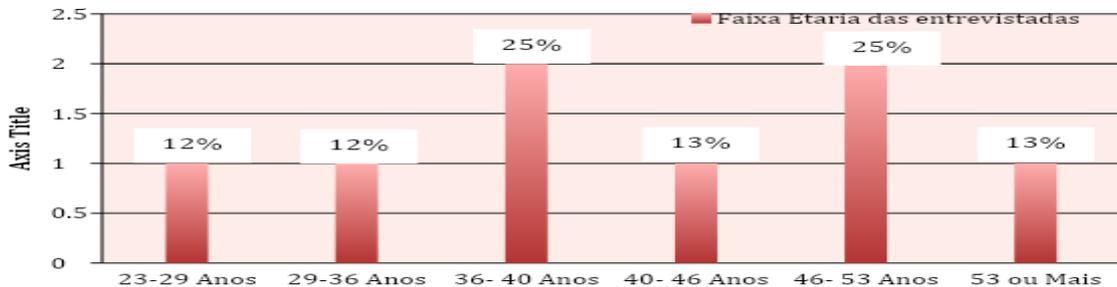
A partir de sua fala ela afirma que já sofreu violência e destacou que foi um período difícil de sua vida porém conseguiu sair. Ela também destacou que já presenciou várias vezes casos de violência contra a mulher pelo motivo de trabalhar como policial militar. Ela também destaca que aconselha as mulheres a saírem desse ciclo de violência e ainda diz que muitas delas não percebem que estão passando por esse cerco de violência.

5.2 Analogia e índices das entrevistadas, conforme gráficos

A presente analogia gráfica foi baseada nos dados coletados durante a orientação do trabalho nos termos proposto, que objetivou analisar de forma sistemática a cultura machista e a violência contra a mulher. Assim, comprovando a realidade dissertada na pesquisa de campo, de acordo com as idades e as falas das entrevistadas, conforme os resultados nas análises gráficas, foi possível, identificar: faixas etárias, graus de escolaridades, as profissões, e, as principais causas de agressões, contra as mulheres, portanto, os gráficos a seguir

reportam esses tópicos.

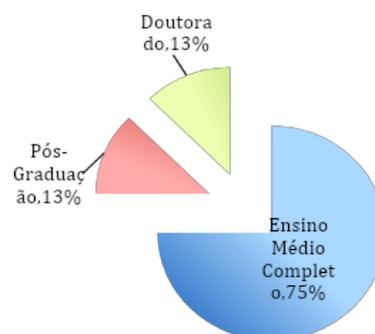
Gráfico 1 - Faixa etária das entrevistadas



Fonte: FERREIRA, Thays Domingos. Trabalho de Campo – 2023.

Com base nos dados do gráfico acima, que se refere a faixa etária das entrevistadas que se propuseram em responder a esta pesquisa, foi constatado estaticamente que de um total de 100% das mulheres entrevistadas neste estudo, é possível perceber que 12%, se refere às mulheres mais jovens entre 23 à 29 anos, uma outra parcela são as mulheres com idades entre 29 a 36 anos, com uma representação estatística no gráfico de 12%, visto que, também obtivemos resposta com mulheres, entre de 36 a 40 anos, que caracterizaram uma porcentagem referente a 25%, portanto, uma outra parte das mulheres entrevistadas, estão entre 40 a 46 anos, com 13%, nessa dinâmica de representação gráfica destacamos as mulheres, entre 46 a 53 anos, que corresponde a 25% , para tanto, enfatizamos as respostas das mulheres com mais de 53 anos, que representa 13% no referido gráfico, em diferente perspectivas das faixas etárias.

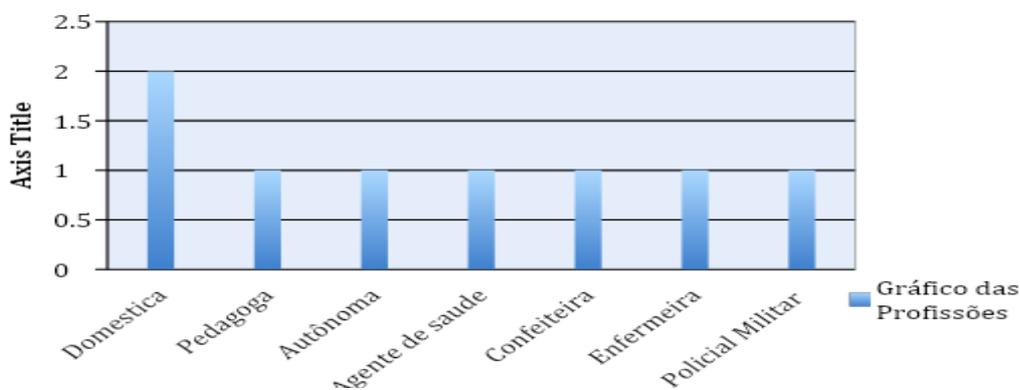
Gráfico 2 - Escolaridade das entrevistadas



Fonte: FERREIRA, Thays Domingos. Trabalho de Campo – 2023.

O gráfico acima se refere ao grau de escolaridade de cada entrevistada, onde de um total de 100%, 75% possuem o ensino médio completo, No entanto o que chamou a atenção nesta pesquisa foi o grau de escolaridade das entrevistadas, as quais, possuem um alto grau de conhecimento, com a pós-graduação e o doutorado em suas referidas áreas de graduação, 12% com pós-graduação e, que as outras 13% com a diplomação do mais alto grau de escolaridade doutorado. Podemos notar no gráfico 2 o nível de formação das depoentes entrevistadas. O gráfico a seguir apresenta os dados estatístico da faixa etária das entrevistadas.

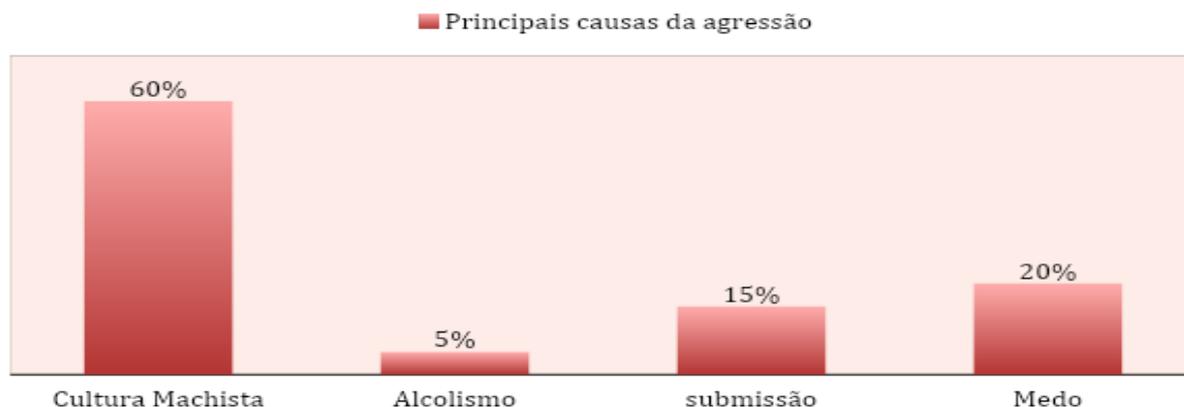
Gráfico 3 - Profissão das entrevistadas



Fonte: FERREIRA, Thays Domingos. Trabalho de Campo – 2023.

Ao analisar o gráfico acima referente ao ramo ocupacional de cada entrevistada durante a pesquisa, podemos constatar que existem mulheres exercendo atividades trabalhista em vários setores. Sendo assim, se fez interessante conhecer e analisar a opinião de cada uma delas sobre esta temática que só vem crescendo anos após anos no meio social, no qual seria sobre os casos de agressões contra a figura feminina no âmbito doméstico, se elas já sofreram ou presenciaram algum abuso. Diante disso, para fundamentar esta pesquisa e torná-la ainda mais relevante foram entrevistadas algumas mulheres das seguintes áreas: doméstica, pedagogas, autônomas, agentes de saúde, confeiteiras, enfermeira e policial militar.

Todas entrevistadas com as mesmas perguntas na qual seria sobre os casos de violência doméstica, praticados pelos seus companheiros afetivos onde em sua grande maioria são homens que usufruir da sua força física para cometer esses abusos contra sua companheira no âmbito doméstico. Desse modo, o objetivo de analisar o depoimento dessas vítimas das, mas diversas áreas e realidades sociais e busca entender o motivo pelo qual ocorrem estes atos violentos contra as mulheres.

Gráfico 4 - Principais causas da agressão

Fonte: FERREIRA, Thays Domingos. Trabalho de Campo – 2023

Dessa forma, portanto, de acordo com este estudo dos 100% das mulheres entrevistadas, 99% moram na cidade de Queimadas-PB, conhecem alguma mulher que sofreu ou já foi vítima de violência praticada a elas. assim, mediante a está análise gráfica, 60% de opressão dos homens sobre a mulher (cultura machista) e, 5%, está relacionado ao uso do álcool, já uma outra parcela de 15% das mulheres são submissas por sofrem desigualdades de gênero (com base em seu sexo biológico), e 20% das mulheres entrevistadas, o que evoca o medo, são as violências provocadas pelos agressores prejudicando-as emocionalmente, provocando sintomas de forma geral.

Sendo assim, ao observar os gráficos referente a violência contra mulheres que presenciaram ou foram vítimas de agressões, notamos que uma grande parcela relata ter presenciado abusos com algumas vítimas.

Dessa forma, ao serem questionadas algumas mulheres o porquê destas frequentes violências, com as respostas, foi possível constatar que elas sofrem por vários motivos, onde o mais preocupante é a prática da cultura do machismo enraizada na sociedade, que cresce acreditando que o homem é comandante da família e que a mulher não é nada menos que uma progenitora, que só serve para limpar lavar e cozinhar.

Dessa forma, portanto, influenciados a darem vidas desumanas para as suas companheiras e quando ela não segue esse padrão são punidas fisicamente por eles. Acarretando assim, várias marcas, cicatrizes que não são levadas apenas no corpo mais, também para alma, uma vez que estas violência geram medos, angústias, ansiedade e depressão deixando assim marcas profundas nas vítimas comandante da família e que a mulher não é nada menos que uma progenitora, que só serve para limpar lavar e cozinhar.

Dessa forma, portanto, influenciados a darem vidas desumanas para as suas

companheiras e quando ela não segue esse padrão são punidas fisicamente por eles. Acarretando assim, várias marcas, cicatrizes que não são levadas apenas no corpo mais, também para alma, uma vez que estas violência geram medos, angústias, ansiedade e depressão deixando assim marcas profundas nas vítimas.

6 CONCLUSÃO

Este não é um tema novo, porém, estamos falando da cultura machista e da violência contra a mulheres, as quais depuseram de formas diversas no decorrer deste trabalho para interpretações no sentido de representação criminal contra as próprias, conforme ações dos indivíduos agressores.

Entretanto, devem ser compreendidas em suas relações socioculturais, que se configuram como relações e representações de gênero no âmbito dos relacionamentos conjugais, como uma forma de dar significado às relações de poder, esse poder se articula e pode ser entendido como manifestações de poder de uma cultura machista.

A cultura do machismo não apenas colabora para que episódios de violência contra a mulher, como também é a raiz dessa violência. Cada vez que uma mulher é agredida, assediada, estuprada ou morta o machismo está presente culpando a vítima por estar no lugar errado, por usar roupa curta, discutir quando deveria se calar e aceitar que o companheiro a agredisse.

Essa cultura que tem violado os direitos das mulheres e tem causado danos à sociedade e vem crescendo de forma alarmante sendo ensinado de berço, a exemplo de que, os meninos aprendem no seio da família que são mais fortes do que as meninas e por isso tem mais direitos do que elas.

Assim, ao se tornarem adultos passam a enxergar as mulheres como objeto e ser inferior. Para combater a violência contra a mulher é preciso além de leis mais severas para punir os agressores, trabalhar com a prevenção e conscientização para que casos como a barbárie de Queimadas-PB, ou outros tantos casos de feminicídio que acontecem não apenas no Brasil, mas também no mundo sejam evitados.

A luta pelo fim da violência doméstica não deve ser apenas das mulheres, mas de toda a sociedade, pois quando uma mulher é agredida além da dor e dos traumas que ela passa a sentir, as consequências atingem as diversas esferas da sociedade.

A cultura machista faz parte da sociedade brasileira, onde vem sendo ensinado de pai para filho, crescendo cada vez mais na família e se mostrando na sociedade. Uma cultura onde se obriga as mulheres a algo de serem suportadas por agressões de homens enquanto está mantido dentro de casa não podem continuar sendo fortalecidos. O machismo precisa ser combatido, pois ele é a raiz da violência contra mulher.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Blay, Eva Alterman. **Violência contra a mulher e políticas públicas**. Estudos Avançados [online]. 2003, v. 17, n. 49 [Acessado 17 Abril 2023], pp. 87-98. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300006>. Epub 17 Fev 2004. ISSN 1806-9592. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300006>.

CIDADE BRASIL, 08 de Abril de 2021. Endereço eletrônico: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-queimadas.html> Acesso em: 23 de novembro de 2022.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A produção do espaço urbano: Agentes e desafios, escala e processos, escalas e desafios**. São Paulo, editora contexto, 2013.

CASIQUE LC; FUREGATO ARF. Violência contra mulheres: reflexões teóricas. **Rev Latino - am Enfermagem**. 2006, novembro-dezembro. Acesso em: 11 de março de 2023

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Endereço eletrônico: <https://www.tjmg.jus.br/portal-tjmg/perguntas-frequentes/por-que-a-lei-n-11-340-2006->

[que-criou-mecanismos-para-coibir-a-violencia-domestica-e-familiar-contra-a-mulher-e-chama-da-l-ei-maria-d-a-penha.htm#.Y2txl7lv80E](https://www.tjmg.jus.br/portal-tjmg/perguntas-frequentes/por-que-a-lei-n-11-340-2006-que-criou-mecanismos-para-coibir-a-violencia-domestica-e-familiar-contra-a-mulher-e-chama-da-l-ei-maria-d-a-penha.htm#.Y2txl7lv80E) Acesso em: 21 de set. 2022.

GIL, Antônio. C. **Como elaborar projetos de pesquisas**. São Paulo: Editora Atlas, 1994.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censos Demográficos 1940 a 2010**. Roraima. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 02 de abril de 2023.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da Violência**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em:

http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atla. Acesso em: 12 de Maio de 2023.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

LOPES, A. C.F. **Queimadas; seu povo sua terra**. 4^a.ed. Paraíba: Cópias e Papéis, 2010.

MASSEY, Doreem B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MOYA, Isabela. **Machismo: você entende mesmo o que significa?**, 08 de julho de 2019. Endereço eletrônico: <https://www.politize.com.br/o-que-e-machismo/>. Acesso em: 23 de novembro de 2022.

MOREIRA, Ana Beatriz. **Violência contra a mulher: Brasil é o 5º país com maior número de feminicídio**. UNALE. Endereço eletrônico: <https://unale.org.br/violencia-contra-a-mulher-brasil-e-o-5o-pais-com-maior-numero-de-feminicidio/> Acesso em: 20 de julho 2022.

MINAYO, Miria Cecilia de Souza. **Laços perigosos entre machismo e violência**. In: Ciênc. Saúde coletiva. V.10, n.1, Rio de Janeiro. Jan.\mar. 2005.

NASCIMENTO, Hélio de Oliveira. **As Interações Comerciais da IMPASA-CG: Produção de espaço, redes e consolidação dos Territórios**. Campina Grande: Boa Impressão, 2002. 140p.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. Endereço eletrônico:<https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html#:~:text=Est%C3%20previstos%20cinco%20tipos%20de,%2C%20III%2C%20IV%20e%20V> Acesso em: 10 de nov. 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª edição Novo Hamburgo - Rio Grande do Sul-Brasil, 2013.

REZENDE, Milka de Oliveira. “Violência contra a mulher”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/violencia-contra-a-mulher.htm>. Acesso em 17 de Maio de 2023.

REZENDE, Milca de Oliveira. **Violência no Brasil**. Mundo Educação. Endereço eletrônico<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/violencia-urbana-no-brasil.htm> Acesso em 10 de agosto 2022.

SANTOS, Leila. STROZI, Guilherme. **Três mulheres morrem por dia no Brasil por feminicídio**. Rádio Agência, 28 de agosto de 2022. Endereço eletrônico<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/seguranca/audio/2022-06/tres-mulheres-morrem-por-dia-no-brasil-por-feminicidio>. Acesso em: 17 de Maio. 2022.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. 6ª. ed. 2. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

STEARNS, Peter. **História das relações de gênero**. São Paulo: Contexto, 2007.

TEBET, Simone. **Vida e morte feminina**. 2ª. Ed. Brasília: Senado Federal. 2019, 172 p. : il. UNALE – União Nacional dos Legislações e Legislativos Estaduais (2016-2022). Acesso em: 18 de março de 2023.

VIEIRA, Pâmela Rocha; GARCIA, Leila Posenato; MACIEL, Ethel Leonor Noia. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela?. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, p. e20003, 2020. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/violencia-contra-a-mulher.htm>. <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/resumo-da-lei-maria-da-penha.html>. Acesso em: 1 de Novembro de 2022.

ZANETTI, Sandra Aparecida Serra; GOMES, Isabel Cristina. A “**fragilização das funções parentais**” na família contemporânea: determinantes e consequências. Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 19, n. 2, p. 491-502, dez. 2011. Endereço eletrônico:http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-039420060003_0_0009#:~:text=A%20viol%C3%Aancia%20foi%20definida%20pela,morte%2C%20dano%20ps%C3%ADquico%2C%20altera%C3%A7%C3%B5es%20do Acesso em: 23 de novembro de 2022.